

## Eu ou *Ego*

- ***Ego***<sup>1</sup>. É o sujeito da ação consciente. Num certo sentido é o primeiro *complexo* a se formar na consciência, sendo seu centro. Estrutura-se a partir do inconsciente e é, muitas vezes, confundido com o centro organizador e diretor do aparelho psíquico. Conhecer a si mesmo não é conhecer o eu ou *ego*, que só conhece seus próprios conteúdos, mas, também, aquele centro organizador. O processo de desenvolvimento da personalidade, a *individualização*, consiste em diferenciar o ego de suas estruturas arquetípicas auxiliares. O *ego*, o *Self* (centro organizador da psiquê) e o *ego* onírico (o eu dos sonhos) são instâncias psíquicas diferentes. O *ego* se baseia no *arquetipo* do *Si-Mesmo*, sendo, de certa forma, seu agente no mundo da consciência.

### Desarme do *ego*

*“Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso, e não te assistimos? Então lhes responderá: em verdade vos digo que sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer.”* Mateus, 25:44 e 45.

A palavra salvação, colocada por Allan Kardec, como título do capítulo XV de O Evangelho Segundo o Espiritismo, merece uma interpretação adequada ao que queremos demonstrar, pois ela tem um sentido mais psicológico que religioso. Salvar-se não se refere, necessariamente, a uma ameaça externa, nem tampouco a uma atitude para com o semelhante. Não há ameaça grave nem abismo a que o ser humano esteja ameaçado de cair, muito menos um inimigo contra o qual deva se precaver sob pena de perder a Vida. A salvação compreende a adoção de um estado de consciência que disponibilize a mente para a captação do mundo como ele se apresenta, isto é, sem os filtros impeditivos das defesas do *ego*. Salvar-se é predispor-se a viver a Vida sentindo suas conseqüências com maturidade e equilíbrio, quaisquer que sejam elas.

A salvação diz respeito a uma mudança de atitude psíquica. Trata-se de estabelecer um estado de espírito que possibilite a apreensão das leis de Deus sem os

---

<sup>1</sup> NOVAES, Adenauer. *Mito Pessoal e Destino Humano*. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2005, p. 251.

<sup>2</sup> NOVAES, Adenauer. *Psicologia do Evangelho*. 2. ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1999, p. 90-93.

medos e os receios impregnados nos mecanismos de defesa que normalmente o ser humano adota frente à Vida e perante aquilo que desconhece. O 'inimigo', por assim dizer, é oculto, interno, inconsciente, e age sutilmente nos escaninhos da mente humana. A salvação compreende a necessidade de aprender a lidar com esse inimigo interno, correspondente à *sombra* pessoal.

Por outro lado, a afirmação de que *fora* da caridade não há salvação supõe que não existe outro estado possível. É determinante que se aja daquela forma sem a qual não se alcança o que se pretende. Nesse sentido, a caridade não é tão somente uma atitude externa ou um ato isolado. É também um estado de espírito, uma atitude psíquica. Uma predisposição a outra atitude mais elevada.

A caridade é um meio, como uma ponte que nos leva de um lugar a outro, sem os perigos de se cair no abismo. Não se trata de uma atividade externa, como um compromisso social ou uma regra decorrente de um preceito religioso. Pode-se até iniciar-se a compreensão de seu significado pela prática externa, mas isso não garante alcançar seu sentido real. O exercício da caridade, como de qualquer atividade humana, leva à consolidação de seu sentido oculto. Em paralelo à prática, deverá ocorrer a internalização da mensagem significativa, intrínseca à experiência.

Num sentido psicológico, a caridade elimina as projeções, pois me possibilita enxergar o outro naquilo em que ele necessita e não no que desloca de minha personalidade e projeto nele. Doar algo a alguém é desprender-se de si mesmo vendo o outro como ele é. É não projetar sua *sombra* no outro. Ela, a caridade, leva o indivíduo a sair de si e a perceber o outro no momento evolutivo em que se encontra, permitindo que aquele que a exerce saia dos limites de seu *ego* e vá na direção do *Self* próprio e do outro.

Esse deslocamento na direção do outro não se trata apenas de uma ação, mas, principalmente, de um sentimento; um estado de ser interior, de sentido de desprendimento. Esse estado psicológico predispõe o indivíduo à percepção de si mesmo, pois o coloca em contato com a *sombra* do outro e, conseqüentemente, com a sua própria, face à vontade de prestar auxílio.

Praticar a caridade pode ser apenas **estar** caridoso, isto é, realizar uma tarefa como outra qualquer. Quando se trata de um estado de espírito, o indivíduo é caridoso, isto é, trata-se de um traço de sua personalidade. Passar de um estado a outro requer, além de outros aspectos, conhecimento de si mesmo. Ser caridoso é entrar em contato com sua essência divina, com o *Self*, cujo sentido básico é a organização psíquica para o contato com Deus.

Aquele estado favorece o caminho para a dissolução dos *complexos* enraizados no inconsciente, pois inibe as reações defensivas do *ego*. Quando se atua caridosamente, de acordo com um sentimento interno, vence-se a barreira que impede a conscientização dos *complexos*. O sentimento de caridade permite o desarme defensivo do *ego* e a utilização demasiada das *personas*, isto é, das máscaras.

A atitude caridosa que atende somente a regras externas atua de modo contrário, ou seja, inflacionando o *ego* com sentimentos de vaidade e orgulho. Por

mais que ajude o outro, a caridade aparente pode funcionar como um disfarce para a satisfação dos desejos de reconhecimento e destaque daquele que a pratica. Por outro lado, ser caridoso para com os demais pode significar uma fuga das próprias questões, de modo a não entrar em contato com sua *sombra*, evitando curar-se a si mesmo.

O sentimento de caridade, complementado pela ação caridosa, diminui o poder do *ego* estimulando o processo de desenvolvimento espiritual. Psiquicamente, o indivíduo consegue melhor elaborar seus conteúdos inconscientes bem como aqueles conscientes que impedem a percepção de si mesmo. Esse sentimento provém do Espírito e se torna consciente com o exercício constante e persistente da ação caridosa.

Somos naturalmente condicionados a atitudes externas de acordo com o senso comum oriundo da educação, da cultura e da convivência, o que nos torna seres de ação movidos pelo coletivo. É possível perceber que, face à existência da individualidade, há motivações singulares, nascidas da essência espiritual de cada um, porém as tendências coletivas são poderosos guias da Vida do ser humano. O exercício da caridade, bem como o cultivo do sentimento da caridade, conseguem reduzir o efeito dessa tendência natural a viver o coletivo. A caridade inibe as tendências coletivas, arquetípicas, que nos impulsionam para longe de nós mesmos. Essas tendências não são de todo prejudiciais. Se de um lado, nos distanciam do alcance da nossa realização pessoal, de outro, porém, nos colocam em condições de viver em sociedade.

As relações sociais naturalmente geram tensões, disputas e diferenças, colocando o ser humano em constante embate entre sua individualidade e as exigências do mundo. Ora ele afirma sua individualidade, ora ele busca sua identidade com o grupo social de que faz parte. O alívio dessas tensões significa o encontro consigo mesmo e a paz com o mundo. A caridade proporciona a necessária identidade com o mundo por trazer consigo a empatia nas relações com o próximo. Ela permite a identidade com o semelhante de tal forma que o indivíduo se sente uno com o outro, igualando-se a ele na sua necessidade. Psiquicamente diminui as barreiras que provocam tensões e elimina as vaidades do *ego*, aproximando as pessoas umas das outras.

Estar em paz é garantia para o equilíbrio psíquico, previne os acessos abruptos do inconsciente e inibe as obsessões. Nesse estado, o indivíduo entra em contato com os Bons Espíritos, favorecendo sua motivação para viver. Semelhante estado se alcança com a vivência da caridade. Ela promove o bem estar psíquico preparando a mente para vencer as investidas persistentes dos conflitos oriundos das vidas passadas enraizados no inconsciente. A “fina camada” que separa a vida consciente da inconsciente, onde se encontram as experiências esquecidas da atual encarnação e das vidas anteriores, permite a passagem, para o aprendizado do Espírito, dos *complexos* afetivos oriundos de antigas situações dolorosas. Essa influência constante do passado sobre o presente é amenizada pelo sentimento de caridade, que age como um filtro, atenuando os efeitos sobre a vida consciente.

A ação da caridade sobre o próximo é uma terapia fundamentada no amor que atinge principalmente aquele que a executa.

### **Eu ou *ego***<sup>3</sup>

Chamo de eu ou *ego* a representação do Espírito no mundo externo. Ele é, de um lado, a síntese momentânea da personalidade integral, do outro, uma função que permite a ligação da consciência com os conteúdos conscientes. Através dele o Espírito se realiza, transformando milhões de anos de evolução na efemeridade de um instante. A existência do *ego* é fundamental ao Espírito, visto que sua manifestação direta no mundo sem esse intermédio tornar-se-ia impossível dada a natureza de sua essência.

Segundo Jung, o *ego* é o sujeito da consciência e surge constituído de disposições herdadas e de impressões adquiridas inconscientemente. Jung também considerava o *ego* um *complexo*. Creio também que o *ego*, por representar o *Self*, também traz um modelo dele oriundo.

É a consciência emprestada ao mundo pelo Espírito, dando-lhe a feição material. Torna-se sua manifestação de identidade ao se apresentar ao mundo.

Mesmo durante o sono, nos estados de coma, na idade infantil, ele está presente, ainda que temporariamente inibido. No sono, face ao entorpecimento do corpo, ele se encontra mais livre dos condicionamentos da matéria carnal. Nos estados de coma, bem como no período de preparação reencarnatória permanece vigilante em face da possibilidade de deixar ou entrar no corpo. Na criança, logo após o nascimento, inicia-se nova fase de agregação de valores, emoções, conhecimentos e experiências para a estruturação de um novo *ego*.

A formação do eu ou *ego* é uma exigência evolutiva imprescindível à aquisição das leis de Deus. Sem essa estrutura funcional é impossível a percepção da singularidade do Espírito. É com o *ego* que o espírito se realiza e apreende as leis de Deus.

A cada nova experiência reencarnatória, quando ainda criança, por força da convivência social, a *psiquê* vai formando uma identidade pessoal que permite o aparecimento do *ego*. As fases estabelecidas por Piaget para o desenvolvimento cognitivo, sinalizam para a maturação de estruturas psíquicas, portanto perispirituais, no processo de aprendizagem. A primeira fase é a sensório-motor, na qual há o predomínio das sensações e imagens e pressupõe a assimilação por repetição dos estímulos ambientais. A segunda fase é a pré-operatória, na qual há o domínio dos símbolos e o desenvolvimento da linguagem e dos sentimentos interpessoais. A terceira fase é a operatório-concreto na qual há o domínio de classes, de números e o pensamento lógico se estrutura. E, por último, a fase operatório-formal, na qual estrutura-se o pensamento abstrato. Essas fases

---

<sup>3</sup> NOVAES, Adenáuer. *Psicologia do Espírito*. 2. ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2004, p. 99-101.

descrevem de forma lógica como as capacidades latentes do Espírito, já estruturadas no perispírito, alcançam a vida consciente, porém se referem necessariamente à formação do eu. Elas não se referem às capacidades do espírito.

Sua estruturação se inicia a cada nova encarnação e desencarnação, visto que, sempre que a realidade externa muda radicalmente, ele se apresenta como recurso do Espírito para o necessário aprendizado.

O corpo faz parte do eu ou *ego* enquanto este se sentir identificado com aquele. Por conseguinte o *ego* se auto-estrutura contraindo-se ou se expandindo. Pode-se afirmar que o corpo é uma extensão da consciência.

Antes de transcender o *ego* ou mesmo de tentar anulá-lo, devemos pensar em conhecê-lo, estruturá-lo, e, se for o caso, redefini-lo. É equívoco pensar em renúncias e desapego para quem ainda não conseguiu, por motivos diversos, da atual ou de outras encarnações, estruturar adequadamente seu *ego*.

O *ego* estabelece o domínio do tempo e do espaço. Por causa dele existe passado, presente e futuro. Não há tempo no domínio do Espírito. Da mesma forma, o *ego* delimita um espaço. Para o Espírito não há espaço, mas apenas existência.

A entrada no corpo, físico ou perispiritual, desloca a consciência do Espírito para o *ego*. A matéria atrai o Espírito à semelhança de um ímã sobre um metal.

O *ego* é um portal de acesso à zona consciente e elo de ligação psíquica da matéria com o perispírito. Por ele transitam experiências do campo da consciência, desde aquelas que são captadas diretamente pelos sentidos até as que são devolvidas do inconsciente.

O acesso do *ego* aos conteúdos do inconsciente gravados no perispírito, bem com às leis de Deus já conquistadas pelo Espírito é automático e não depende da suspensão da consciência, porém nunca é direto, visto que eles são guardados no formato de símbolos conectados emocionalmente. O *ego* trabalha de forma linear e seqüencial, portanto numa freqüência incompatível à existente no perispírito. O que ocorre é que o acesso nem sempre é desejado, porém a influência dos conteúdos é constante.